



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores
25 a 27 de setembro de 2017
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 1: Teoria do Discurso e seus interlocutores

Toda determinação é negação:

Uma análise da possibilidade do antagonismo do *uno* ser ele próprio

Alexandre Neves Sapper
Mestre em Ciências Sociais e Filosofia pela UFPel; Doutorando em Filosofia na
PUCRS
PUCRS
E-mail: alexandrenevesapper@gmail.com



***Toda determinação é negação*¹: uma análise da possibilidade do antagonismo do *uno* ser ele próprio**

Alexandre Neves Sapper

RESUMO:

O presente texto temo como objetivo analisar e aproximar a Teoria do Discurso da Escola de Essex com a Filosofia proposta por Hegel, mais especialmente na sua *Ciência da Lógica*, na qual notamos um importante esclarecimento acerca do surgimento das identidades ontológicas. Em especial, como objeto específico do respectivo artigo, será abordada a questão do antagonismo como negação e aproximação paradoxal do *uno* ser a negão dele próprio, criada justamente dentro de uma determinidade negada. Outra noção a ser abordada será a chegada até a identidade suprassumida do *uno*, na qual temos as articulações propostas por Laclau em noção e frequência similar à proposta por Hegel na sua obra acima citada.

PALAVRAS-CHAVE: Uno; Antagonismo; Discurso; Articulação.

No presente capítulo analisaremos como as movimentações do ser e do nada, em que pese muitas vezes antagônicas e dispares dentro de uma movimentação são elas mesmas dentro de uma dialética, conforme notamos a partir do ser a seguir:

“Ser, puro ser, - sem nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatidade indeterminada, ele é igual apenas a si mesmo e também não desigual frente ao outro; não tem diversidade alguma dentro de si nem pra fora. Através de

¹ A expressão do título inicial do presente texto diz respeito a citação de Spinoza trazida por Hegel na obra *Ciência da Lógica: 1. A doutrina do ser*, que no original em latim se apresentam como *omnis determinatio est negativo*.



uma determinação ou um conteúdo qualquer que seria nele diferenciado ou por meio do qual ele seria posto como diferente de um outro, ele não seria fixado em sua pureza. Ele é a indeterminidade e o vazio puros. – Não há *nada* a intuir nele, caso aqui se possa falar de intuir; ou ele é apenas este mesmo intuir puro, vazio. Tampouco há algo nele que se possa pensar ou ele é, igualmente, apenas este pensar vazio. O ser, o imediato indeterminado, é, de fato, nada e nem mais nem menos do que nada (HEGEL, p. 85).”

Trouxemos a citação acima para mostrar como Hegel deixa claro no seu conceito de *ser* e o que pode e ou não ser dito dele. De acordo com Hegel podemos afirmar que não há o que possa ser dito do *ser* puro. Frisamos aqui repetindo que ele, “o ser, o imediato indeterminado, é, de fato, nada e nem mais nem menos do que nada (*Idem*)”. Na *Fenomenologia do Espírito* temos o seguinte sobre o *ser* ainda em si mesmo:

“No pensamento que captou – de que a consciência singular é em si a essência absoluta -, a consciência retorna a si mesma. Para a consciência infeliz o *ser-em-si* é o além dela mesma. Porém, seu movimento nela implementou isto: a singularidade em seu completo desenvolvimento, ou a singularidade que a consciência efetiva, como o negativo de si mesma; quer dizer, como um Extremo objetivo. Em outras palavras: arrancou de si seu ser para-si e fez dele um ser (HEGEL, p. 171).”

Ainda não temos a oposição ou negação, mas sim o *nada*. Dele podemos afirmar o seguinte, retornando à *Ciência da Lógica*:

“*Nada*, o puro *nada*; ele é igualdade simples consigo mesma, perfeita vacuidade, ausência de determinação e conteúdo; indiferencialidade nele mesmo. –Na medida em que intuir ou pensar podem ser aqui mencionados, então, vale como uma diferença se algo ou *nada* é intuído ou pensado. Intuir ou pensar *nada* tem, então, um significado; ambos são diferenciados, então *nada* é (existe) em nosso intuir ou pensar; ou antes, ele é o próprio intuir ou pensar vazios e é o mesmo intuir e pensar vazios que o ser puro. –*Nada* é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de determinação e, com isso, em geral o mesmo que o *ser* puro é (*idem*).”

Acerca do *ser* e *nada* acima notamos que ambos, de acordo com Hegel, são. Qual seria, então, sua diferença ontológica? Hegel nos demonstra a seguir com a importância do *devenir*, conforme notamos



“O puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser. Igualmente, porém, a verdade não é sua indiferencialidade, mas que *eles não são o mesmo*, que são *absolutamente diferentes*, mas são igualmente inseparados e inseparáveis e *cada um desaparece em seu oposto imediatamente*. Sua verdade é, então, este *movimento* do desaparecer imediato de um no outro: o *devenir*²; um

² No “Dicionário Hegel” do autor Michael Inwood temos o seguinte sobre o termo: “*Das werden*, “devenir”, é formado a partir de *werden*, “tornar-se, transformar-se em.” Devenir está associado, para Hegel, com Heráclito, que sustentou que tudo está envolvido não em ser, mas em contínuo devir e conflito. Platão endossou essa doutrina a respeito do mundo fenomênico e afirmou, no *Timeu*, que a palavra “ser” deve ser usada somente em relação a formas e ideias imutáveis, enquanto que “devenir” deve aplicar-se apenas ao mundo degenerado da aparência. Filósofos gregos posteriores compartilharam, em sua maioria, da preferência de Platão pelo ser sobre o devir. Os pensadores alemães, em contrapartida, foram propensos a preferir *devenir* à rigidez de *ser*, e aplicaram “devenir” ao desenvolvimento autônomo, mas árduo e eivado de conflitos, da história e da vida. Eckhart considerou o devir a essência de Deus. Goethe, cuja máxima “torna-te o que és!” foi repetida por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, atribuiu o que *está em devir à razão*, e o que veio a ser e, portanto, é, ao entendimento. Como escreveu Nietzsche em *A gaia ciência*: “Nós, alemães, somos hegelianos, mesmo que nunca tivesse havido em Hegel, na medida em que nós atribuímos instintivamente ao devir, ao desenvolvimento, um sentido mais profundo e um valor mais rico do que àquilo que é; mal acreditamos na legitimidade do conceito ‘ser’.” Tal como Heráclito, Hegel viu a oposição e o conflito como essenciais ao devir. Também considerou o próprio mundo, e os conceitos pelos quais o categorizamos, como o devir, em vez de um ser estático. O absoluto não é entidade imutável que está subjacente em nossas tentativas de compreendê-lo, mas o próprio desenvolvimento dessas tentativas. Do mesmo modo, a ciência não é um conjunto de resultados independente do processo pelo qual chegamos até eles, mas envolve essencialmente esse processo. Hegel, porém, não abandonou, como Nietzsche e Heráclito, inteiramente o ser em favor de um incessante fluxo. Interlúdios de relativamente estável ser, a província do entendimento mais do que da razão, são essenciais ao mundo, ao sistema conceptual da lógica e à nossa vida social e política. A explicação central de Hegel de ser, nada e devir é apresentada em sua lógica. Aí, “ser” é usado de duas maneiras principais. Primeiro, em contraste com “essência” e o “conceito”, indica o objeto de estudo da primeira das três seções da lógica na “Doutrina do ser”, a saber, o imediato, as características superficiais das coisas qualitativas e quantitativas, em contraste com a essência íntima delas e sua estrutura conceptual. Na lógica e em outras obras, Hegel continua usando “ser” como a antítese de “pensar” e do “conceito.” Segundo, dentro da “Doutrina do ser”, o “ser (puro)” indica a primeira categoria, “imediate”, com a qual a lógica principia. Ser é o começo apropriado, uma vez que, diferentemente de *dasein* (“ser determinando”), não envolve tal complexidade interior que venha a exigir desenvolvimento dentro da lógica: aplicar “ser” a qualquer coisa é simplesmente dizer que ela é, sem lhe atribuir qualquer determinidade qualitativa. Como é totalmente indeterminado, ser equivale a, ou “devém”, nada. Mas, inversamente, nada, uma vez que também é indeterminado, é ou “devém” ser. Assim, ser e nada, cada um vem a ser o outro, constituindo desse modo o conceito de devir. Mas também o devir é instável, porquanto contém contraditoriamente ser e nada, e cai no *dasein*. Esse episódio ocupou os intérpretes e críticos de Hegel, entre eles Feuerbach, desde que surgiu pela primeira vez. O pensamento do ser puro é um pensamento genuíno? É imediato, ou pressupõe uma antecipação do fim da lógica, a idéia absoluta? Como podem os conceitos vir a ser ou passar a ser os seus inversos, em vez de estarem estaticamente relacionados por identidade, ou diferença (ou alguma relação mais complexa de identidade-em diferença)? Por que o devir é o resultado singularmente apropriado da instabilidade de ser e nada? Algumas dessas dificuldades podem ser parcialmente superadas, se nos lembrarmos do contexto de debate teológico e metafísico em que Hegel escreveu e a que ele se refere nessa passagem da lógica. Os contemporâneos de Hegel, estavam predispostos a fazer tais afirmações como “Deus é” ou “o absoluto é pura indiferença/identidade.” Mas, argumenta



movimento no qual ambos são diferentes, porém, através de uma diferença que igualmente se dissolve imediatamente (*Idem*, p. 86).”

Notamos de acordo com as afirmações de Hegel acima que o *devoir* possui essencial importância e se funda no encontro, dissenso e dissolução constante entre o *ser* e o *nada*, sendo que estes dois estão ontologicamente próximos em uma categoria, como notamos anteriormente. O *devoir* os conceitua como diferentes, em uma constante infinitude. Sobre a questão temos o seguinte ensinamento em Heráclito

“Os princípios antinômicos, que o Lógos reúne em seu dizer, estabelecem entre si um bem ordenado jogo de convergências, em virtude do qual cada um afirma sua natureza, assegurando assim a própria identidade e ainda a identidade do todo. O todo e o não-todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, se isolados, seriam abstrações sem verdade, incompreensíveis: apenas existem, um em função do outro, pertencentes que são a uma mesma (e única) totalidade. Esta, da mesma maneira, sem a permanente presença dos contrários, jamais seria o que em sua essência é. Assim, no *“hen pánta”*, sinteticamente inserido nessa fórmula paradoxal “de todas as coisas o Um e do Um todas as coisas”, está implícito também o Múltiplo. Melhor dizendo, é a unidade mesma, enquanto conceito, que participa do jogo de forças contrárias reinante no universo. Por isso se diz que o Um é Múltiplo, que a unidade é não-unidade, embora em nenhum momento deixe de ser isso que ela é. Os divergentes convergem e divergem eternamente, são coisas diferentes, mas ao mesmo tempo são aspectos de uma mesma coisa (<http://www.scielo.br/pdf/trans/v13/v13a01.pdf>).”

Hegel tece comentários similares acerca do que vem a ser o *uno* a partir do ser em sua lógica, antes de notarmos ele no múltiplo, como fez Heráclito acima, vamos observar a categorização do *uno*:

Hegel, se nada é verdadeiro de Deus ou do absoluto é nada ou não é, Mas inversamente, a asserção de que Deus não é ou é nada é da mesma forma instável, e equivale a dizer que ele é. A única saída para essa instabilidade é desenvolver e completar os conceitos que aplicamos ao absoluto. Hegel argumenta que o conceito de ser puro está implícito no “é” do juízo predicativo, que ele analisa em “A doutrina do conceito”. Na seção de abertura da lógica, ele não distingue entre o “é” de predicação, de identidade e de existência. Uma razão para isso é a sua tendência, na descrição de juízo, para fundir predicação e identificação. Uma outra razão, mas talvez relacionada com a anterior, é que tais distinções só podem ser traçadas se introduzirmos conceitos mais concretos que o de ser: a distinção entre “Terá é agreste”, “Tera é Santorino” e “Tera é/existe” não pode ser traçada a menos que desenvolvamos conceitos tais como “singular” e “qualidade”, exemplificados por “Tera” e “agreste”. Mas isso é proibido no estágio de ser puro: conceitos mais concretos devem ser logicamente reconstruídos e não pressupostos logo de começo. De um modo análogo, a vacuidade da afirmação “Deus é” e sua equivalência para “Deus está sendo” decorre da negação por Hegel de qualquer conteúdo no termo “Deus”, além daquele de que se dispõe neste estágio da lógica, ou seja, ser (INWOOD, p. 293-4).”



“O ser para si é a unidade simples de si mesmo e do seu momento, do ser para o uno. Está presente apenas uma determinação, a relação consigo mesmo do suprassumir. Os *momentos* do ser para si desabaram na *ausência de diferença* que é imediatidade ou ser, mas uma *imediatidade* que se funda no negar que está posto como sua determinação. O ser para si é, assim, *ente para si* e, na medida em que nessa imediatidade desaparece seu significado interior, ele é o limite inteiramente abstrato de si mesmo, - o *uno* (HEGEL, p. 170).”

O ser, como Hegel escreve e como podemos observar, está disperso como se fosse em uma articulação anterior sem sentido específico de chegada à realidade. Contudo, são os *elementos* que são transformados em *momentos*, ou seja, diferenças que não estavam articuladas entre si e que, a partir de um determinado momento, envolvem-se num processo articulatório, tendo em vista um *ponto nodal* e um corte antagônico em comum a tais diferenças. O antagonismo aqui se assemelha à negatividade e é ela mesma em uma oposição, senão vejamos:

“De antemão, pode-se prestar atenção à dificuldade que está na seguinte apresentação do desenvolvimento do uno e ao fundamento dessa dificuldade. Os momentos que constituem o conceito do uno como ser para si se separam nisso; eles são 1) negação em geral, 2) duas negações, 3) com isso, dois que são o mesmo, 4) que estão pura e simplesmente contrapostos; 5) relação consigo, identidade como tal, 6) relação negativa e, todavia, consigo mesma. Esses momentos se separam aqui pelo fato de que a forma da imediatidade, do ser entra no ser para si como entre para si; através dessa imediatidade, cada momento é posto como uma determinação própria que é; e, todavia, eles são igualmente inseparáveis. Com isso, de cada determinação precisa ser dita igualmente seu oposto; é essa contradição que, na constituição abstrata dos momentos, constitui a dificuldade (*Idem*).”

Notamos acima claramente –e novamente- o problema proposto no presente texto, que diz respeito a oposição do ser justamente constituí-lo em seu pólo antagônico, tornando-o mesmo. Na verdade, o surgimento de novos sentidos a partir de um discurso preliminarmente originário não passou a ocorrer pela complexidade



da “lógica de funcionamento das sociedades contemporâneas”, Os exemplos são vastos de manifestações de antagonismo em detrimento de um discurso primeiro³, pois, partindo-se da premissa abordada no capítulo teórico da primeira parte desta dissertação, na qual foi discutido que o surgimento uma cadeia equivalencial “B” em detrimento de uma cadeia equivalencial (primeira) “A”, obtêm-se, primeiramente, um não-“A”. Ou seja, o surgimento embrionário do sentido de um antagonismo ocorre similarmente ao reflexo de uma imagem no espelho, no qual há um reflexo exato da mesma imagem de maneira invertida, criando uma “não-imagem” a partir da primeira.

As colocações e contribuições acerca dos conceitos (principalmente como relação ao *antagonismo*) que são caros para a elucidação do presente trabalho, pode-se afirmar que a relação da concepção de *antagonismo* está diretamente vinculada aos binômios, por exemplo, de completude/incompletude, falta/abundância e tudo/nada. Pois a relação de surgimento é dada como um “corte” tênue e a relação a partir da criação de um sujeito “derivado” de discurso se dá pela constante possibilidade/impossibilidade de uma totalidade discursiva

Zizek também comenta a *Teoria da Escola de Essex* (especificamente a concepção de *antagonismo* na obra *Hegemonia e Estratégia Socialista*) dizendo o seguinte:

Sua argumentação se dirige basicamente a atacar a clássica noção do sujeito como uma entidade substancial e essencial, dada de antemão, que domina a totalidade do processo social e que não é produzida pela contingência do próprio processo discursivo: contra

³ Os exemplos vão desde a história antiga até a atual. A própria queda do império romano pode ser exemplo de uma formação antagônica das inúmeras províncias que formaram um sentido (não-“A”) “B” contra as ocupações e ataques dos romanos. Outro exemplo, agora da história contemporânea, pode ser ilustrado com o ataque a Pearl Harbor executado pelos japoneses na II Grande Guerra, sendo este ataque o motivo derradeiro para a participação dos Estados Unidos nesta guerra, ou seja, um país em guerra (“A”) ataca outro supostamente isento sem nenhum aviso oficial de guerra declarada, fazendo com que o país atacado declare guerra (“B”, ou não-“A”) contra as forças ditatoriais da época. Também pode-se abordar o antagonismo em cada elaboração teórica desde a Grécia antiga até os dias de hoje, na criação, por exemplo, de um método atribuídos à Sócrates, aperfeiçoado por Platão e refutado por Aristóteles, ou questões que abordam as inúmeras questões relativas a democracia, liberdade, igualdade. Todas estas defendidas e refutadas por inúmeros autores, criando na refutação uma teoria diversa daquela, mas justamente a partir daquela



esta noção eles (Laclau e Mouffe) afirmam que o que temos é uma série de posições particulares do sujeito cuja significação não está fixada a priori: elas se modificam na medida em que aquelas são articuladas em uma série de equivalências através do excedente metafórico que define a identidade de cada uma dessas posições (ZIZEK *in* LACLAU, 2000, p. 258).

Zizek continua argumentando acerca do *antagonismo* que este não deve ser considerado nem como oposição e tampouco como contradição acerca da sua formação, mas sim de uma relação impossível entre dois termos, ou seja:

Cada um deles impede o outro de formar sua identidade consigo mesmo, levando a ser o que realmente é. Na medida em que eu me reconheço a mim mesmo em uma interpelação ideológica, como um “proletário”, estou comprometido na realidade social, lutando contra o “capitalista” que me impede de realizar o meu potencial humano pleno e bloqueia o meu desenvolvimento (p. 159).

Não podemos, por óbvio, concordar com as posições elencadas por Zizek. Primeiro por uma questão conceitual de que o *uno* formou sentido a partir da articulação do ser, como afirmamos acima. Portanto, a afirmação de que o ‘potencial estaria bloqueado’ não pode prosperar em uma sentença discursiva; Segundo porque vai justamente em oposição à proposta da lógica de Hegel, no qual, conforme estamos analisando no presente trabalho, *ser e nada, uno e múltiplos*, estão imbricados em uma totalidade. As colocações e contribuições acerca dos conceitos (principalmente como relação ao *antagonismo*) que são caros para a elucidação do presente trabalho, pode-se afirmar que a relação da concepção de *antagonismo* está diretamente vinculada aos binômios, por exemplo, de completude/incompletude, falta/abundância e tudo/nada. Pois a relação de surgimento é dada como um “corte” tênue e a relação a partir da criação de um sujeito “derivado” de discurso se dá pela constante possibilidade/impossibilidade de uma totalidade discursiva. Zizek comenta o seguinte acerca desta afirmação:



O sujeito é o nome deste limite interno, desta impossibilidade interna do outro, da substância. Este sujeito é uma entidade paradoxal que é, por assim dizer, seu próprio negativo, ou seja, somente continua na medida em que sua plena realização é bloqueada (idem, 2000, p. 262).

A noção de *antagonismo* proposta por Laclau e Mouffe está diretamente ligada com os limites de uma constituição discursiva, pois como explica Mendonça:

Em linhas gerais, o antagonismo representa a impossibilidade da constituição de um sentido objetivo, ou positivo, de uma formação discursiva. Sabe-se, a partir dos pressupostos da teoria do discurso, que a produção de sentidos por um sistema discursivo é sempre precária, contingente e limitada pelo seu corte antagônico. Justifica-se o seu caráter precário, pois os sentidos constituídos por um determinado sistema discursivo estão sempre tendentes a serem alterados na relação com os demais discursos dispostos no campo da discursividade, que é o espaço no quais os discursos disputam sentidos hegemônicos (MENDONÇA, 2006 p. 70).

Na afirmação acima mencionada, pode-se auferir, com relação ao discurso político, que a formação discursiva está em constante “ebulição” e, também, que o seu caráter antagônico é essencial para sua caracterização, pois termina por gerar uma representação na sua oposição, ou seja, geraria um “terceiro indivíduo” dentro de sua própria formação. Não concordamos, contudo, na hipótese do “terceiro indivíduo”. Pois, conforme bem ensina Hegel na sua *Ciência da Lógica*, a oposição no comportamento negativo não gera um terceiro elemento, conforme notaremos a seguir:

“[...] O *uno*, que exclui os *unos*, relaciona-se ele mesmo com eles, os *unos*, isto é, consigo mesmo. O comportamento negativo dos unos uns em relação aos outros é, com isso, apenas um *juntar-se consigo*. Esta identidade, para qual o repelir deles passa, é o suprassumir da diversidade e exterioridade que eles, antes, deveriam afirmar uns frente aos outros como excludentes. Esse pôr-se em um uno dos múltiplos é a *atração* (HEGEL, p. 179).”



A questão da contingência⁴ entre as duas regularidades dos discursos é determinante na formação do sentido. Aristóteles já afirmava a impossibilidade do caráter infinito das coisas necessárias, cuja necessidade é causada por outras.

A problemática da concepção de *antagonismo* se dá de maneira paradoxal, ou seja, da mesma maneira que permite que surjam indeterminados sentidos a partir de um discurso “A”, impede que estes sentidos (e o próprio discurso original “A”) possuam uma completude. Burity coloca a questão da seguinte maneira:

A lógica de funcionamento das sociedades contemporâneas, ao mesmo tempo permite e impede que essas fronteiras se estabilizem, que exista (somente) um “nós” do lado de cá, e que, somando as mesmas pessoas, querendo as mesmas coisas, haja (somente) um “eles” do lado de lá, que também representaria a mesma ameaça àquilo contra o que se luta, sempre e da mesma forma (BURITY, *in* MENDONÇA; PEIXOTO, 2008, p. 45).

Na verdade, o surgimento de novos sentidos a partir de um discurso preliminarmente originário⁵ não passou a ocorrer pela complexidade

⁴ “Deve-se a Aristóteles a definição clássica da contingência ontológica, como o não necessário nem impossível. Com a exclusão do necessário e do impossível, afirma-se a possibilidade de não ser ou de não existir, e ao mesmo tempo, de ser. A partir disso, conforme santo Agostinho, tem-se a seguinte definição: contingente é o que pode ser e não ser. O necessário, por sua vez, não pode não ser. Ou seja, o contingente se contrapõe ao necessário. O que existe é contingente, se igualmente puder não existir, aquilo que por sua natureza não está determinado a existir, assim como, ao contrário, o ser necessário o está. Sempre há algo necessário nas coisas, mas se trata de uma necessidade por outro, que se dá pelo nexos das causas. A realidade necessária o é tanto quanto sua causa a faz ser, de modo que todos os entes atualmente existentes devem sua necessidade a algum outro ente. Não se pode encontrar, em Aristóteles, o ser contingente absoluto, tampouco uma necessidade absoluta, mas sim, entes relativamente necessários. Nesta necessidade relativa pode-se distinguir sentido duplo de necessidade que são o *necessário para*, ou a fim de que o ente seja possível; e o *necessário por*, que seja necessário por outro [...]” (DICIONÁRIO DE PENSAMENTO CONTEMPORANEO, 2000, p. 147-148).

⁵ O termo “originário” usado para explicar o surgimento de um discurso antagônico é usado neste capítulo como forma meramente ilustrativa e explicativa, pois devido as contingências a que os discursos na teoria que se propõem a Escola de Essex se propõem se torna indeterminado o surgimento de um discurso “marco”, sendo necessário realizar um recorte histórico e a aplicação das relações de cadeias equivalências para se aproximar uma relação conexa de discursos.



da “lógica de funcionamento das sociedades contemporâneas”, como afirmou Burity acima, mas em todo o processo histórico conhecido.

Segundo Laclau, “*a presença do outro me impede de ser totalmente eu mesmo. A relação não surge de identidades plenas, mas sim da impossibilidade da constituição delas mesmas*” (LACLAU, 2005, p.168). Ou seja,

Na medida em que há antagonismo eu não posso ser uma presença plena de mim mesmo. Mas tampouco é, também, a força que me antagoniza: seu ser objetivo é um símbolo do meu não ser e, deste modo, é desdobrado por uma pluralidade de sentidos que impedem de fixar-lo como positividade plena (LACLAU, 2006, p. 168).

Mendonça comenta acerca do *antagonismo* que

Afirma-se que não somente o antagonismo ser responsável pela impossibilidade do fechamento completo dos sentidos de um discurso, mas que o próprio funcionamento auto-referencial de suas estruturas corrobora para uma constante “abertura” discursiva⁶.

No nosso entendimento, essa *complexidade* que se apresenta no antagonismo na verdade é uma *simplicidade* e já foi apontada não por Hegel, que é o nosso autor-chave aqui neste *paper*, mas em Spinoza, como notamos com a seguinte expressão: “*toda determinação é negação*, como demonstramos no título do presente texto, (*omnis determinatio est negativo*)” e segue da seguinte maneira:

“Essa proposição é de importância infinita; apenas a negação como tal é a abstração sem forma; à filosofia especulativa, porém, não precisa ser atribuída a culpa de que, nela, a negação ou o nada seria um último; isto lhe é tão pouco o verdadeiro quanto a realidade [...] A negação está imediatamente contraposta à realidade: além disso, na esfera própria das determinações refletidas, ela é contraposta ao positivo, que é a realidade que reflete na negação, - a realidade, na qual aparece o negativo, o qual ainda está escondido na realidade como tal (HEGEL, p.118).”

⁶ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782003000100011



De outra forma, também observamos que uno e múltiplo, em que pese a repulsão e atração que se apresenta muitas vezes conflituosa em uma categoria é ela mesma, conforme bem afirma Hegel (p.179), ou seja, *o uno é múltiplo e, em especial, o múltiplo é uno.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BURITY, Joanildo. Disponível em <<http://sala.clacso.org.ar/gsd/ cgi-bin/library?e=d-000-00---0inpso--00-0-0--0prompt-10---4-----0-1l--1-es-Zz-1---20-about---00031-001-0-0utfZz-8-00&cl=CL1&d=HASHebb6b803cf143504d67e78.4>=1.>>>

HEGEL, G. **Ciência da lógica. 1- Doutrina do Ser**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LACLAU, Ernesto. A política e os limites da modernidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org). **Pós-modernismo e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estratégia socialista: Hacia uma radicalización de la democracia**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

_____. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión. 1993.

_____. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel. 1996.

_____. **La razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.



_____. **Misticismo, retórica y política.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

MENDONÇA, Daniel de. **Democracia sem Democratas:** uma análise da crise política no governo João Goulart (1961-1964). Porto Alegre: tese de doutorado defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ciência Política da UFRGS.

_____; RODRIGUES, Leo Peixoto (Orgs.). **Ernesto Laclau & Niklas Luhmann.** Pós-fundacionalismo, abordagem sistêmica e as organizações sociais. Porto Alegre: EDIPUC, 2006.

_____. (Orgs.). **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso:** em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

MOUFFE, Chantal. **The return of the political.** London: Verso, 1993.

PINTO, Céli Regina J. **Notas a Propósito de Ernesto Laclau.** En publicacion: Revista de Ciencias Sociales, no. 15. DS, Departamento de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevideo, Uruguay: Uruguay. 1999 0797-5538, 1999.

_____.<[Http://Www.Rau.Edu.Uy/Fcs/Soc/Publicaciones/Revista/Revista15/Jardim.Html](http://Www.Rau.Edu.Uy/Fcs/Soc/Publicaciones/Revista/Revista15/Jardim.Html)>